

Pará estimula construção de madeira

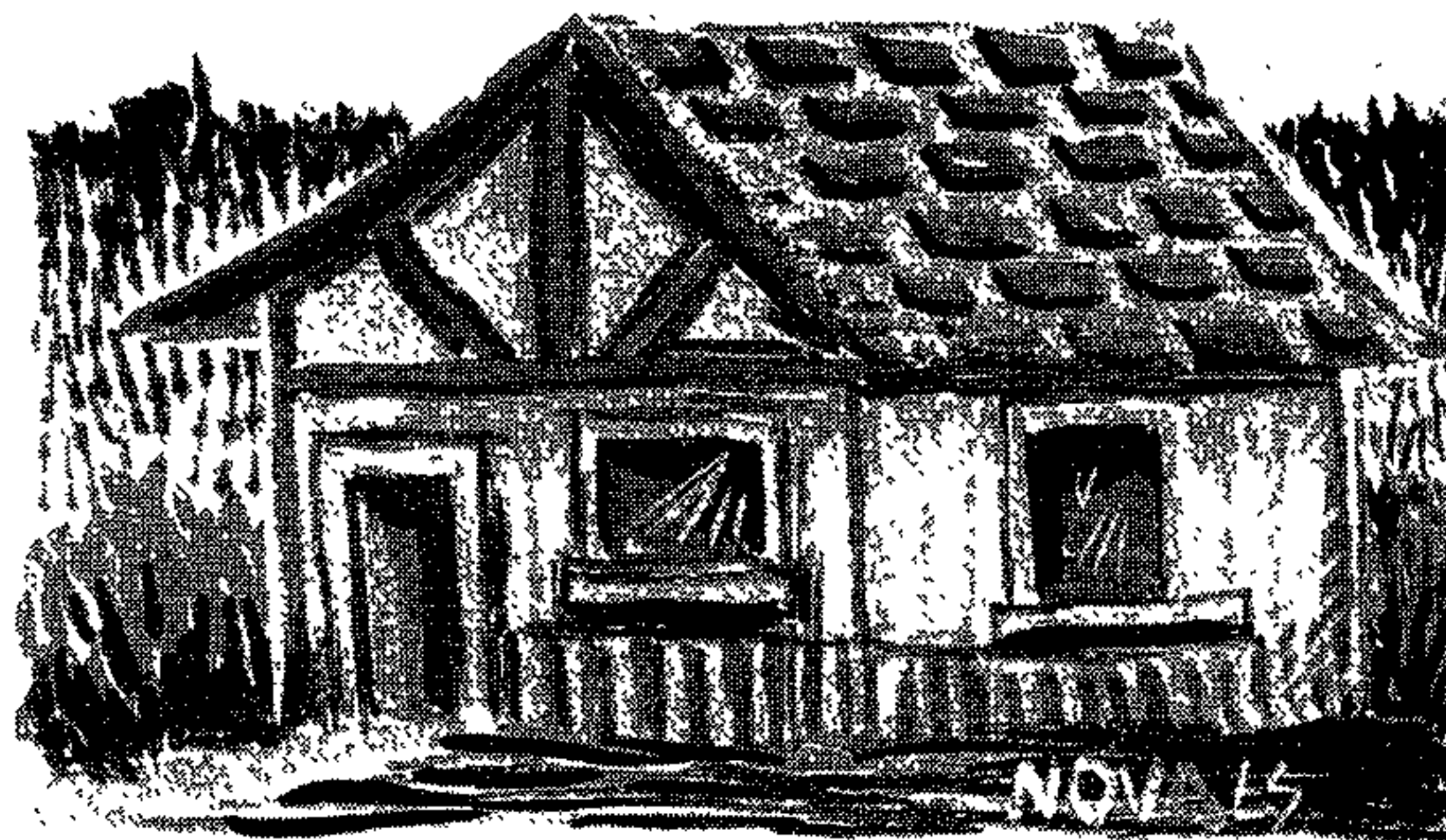
Projeto de universidade e instituições do estado permite fabricação com baixo custo

por Raimundo José Pinto
de Belém

Um modelo de casa de madeira para as diversas faixas de poder aquisitivo e a preço pelo menos metade abaixo do de mercado está à disposição dos interessados, graças a um trabalho desenvolvido ao longo dos últimos quatro anos, em Belém, por um grupo de vinte profissionais de várias áreas. A casa-modelo foi aberta ontem à visitação pública na periferia de Belém, com três andares e 300 metros quadrados de área construída.

O projeto é mais uma iniciativa para agregar maior beneficiamento à produção madeireira no Pará. O estado é o maior produtor de madeira do Brasil. A atividade representa em torno de 14% do Produto Interno Bruto (PIB) estadual, com a geração de cerca de 50 mil empregos diretos. Na pauta das exportações paraenses a madeira ficou em terceiro lugar em 1995, com 15,96% do total gerado em dólares, atrás apenas do ferro de Carajás e do alumínio da Albrás.

Mas a própria Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará (Aimex) reconhece que as exportações de produtos com maior valor agregado ainda são baixas. Do volume de 949 mil metros cúbicos exportado em 1995, 67,47% correspondem a



madeira serrada, 25,97% de compensada, 3,90% laminada e apenas 2,66% beneficiada.

Especialistas no assunto dizem que a Amazônia possui um volume de madeira em tora estimado em 60 bilhões de metros cúbicos, com um valor econômico potencial que pode chegar aos R\$ 4 trilhões em madeira serrada. Das milhares de espécies de árvores existentes na região, cerca de 350 estão sendo aproveitadas, e apenas algumas poucas em volume expressivo.

Por isso, a equipe da casa de madeira procurou utilizar espécies quase desconhecidas e pouco utilizadas na construção civil, como bacuri, ta-

nibuca, cupiuba, araracanga e mandioqueira. Enquanto espécies como o mogno, o jatobá e o tauari tiveram um volume exportado no ano passado de mais de 60 mil metros cúbicos cada uma, foram exportados apenas 8 mil metros cúbicos de mandioqueira, 2 mil de cupiuba, 53 metros cúbicos de tanibuca e 19 metros cúbicos de bacuri. A araracanga nem aparece na relação da Aimex.

O professor Raimundo Cota, coordenador do projeto, informa que essas madeiras foram escolhidas para baratear os custos da construção da casa. É que enquanto se gasta normalmente R\$ 50 a R\$ 80 com uma dúzia de tábuas de angelim,

uma espécie muito comercializada, a dúzia de tábuas de cupiuba custa apenas R\$ 30. Uma casa de madeira de 180 metros quadrados por esse projeto sai por R\$ 18 mil, incluindo instalações elétricas e hidráulicas. Mas estarão disponíveis modelos menores e maiores, com até 300 metros quadrados, como a casa aberta ontem para visitação pública.

O projeto está incluído no Programa de Reforma Urbana da Universidade Federal do Pará (UFPA) e teve a participação também da Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (Fcap), do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). O projeto será comercializado por uma organização não-governamental, o Burot Amazônia, não apenas para o Pará, mas também para todo o país e até para o exterior.

"Perdemos a tradição de construir em madeira, mesmo sendo o melhor estilo para a nossa região", disse Raimundo Cota. Segundo ele, esse modelo foi feito para durar cinquenta anos e a madeira utilizada foi minuzada com produtos químicos para evitar ataques de cupins, punilhões e outros microrganismos. Ele destaca que já existe tecnologia para utilizar madeira em grandes construções, como hospitais, hotéis e até shopping centers.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: 13.15/976 Pg. 5
Data: 2/10
927
Documentação